

NARRATIVAS DE MULHERES: AUTOBIOGRAFIAS COMO FERRAMENTAS DE ANCORAGEM E RESISTÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Beatriz Berr Elias ¹

RESUMO

A temática deste resumo versa sobre recortes iniciais da minha pesquisa de doutorado que pretende abordar o uso de autobiografias de escritoras latino-americanas como ferramenta didática para uma sala de aula transformadora. Essa proposta visa traçar um movimento de relembrar a vida e presença das mulheres no curso histórico por meio do relato autobiográfico de forma a ampliar as narrativas do que se ensina e se aprende em sala de aula. A inclusão de autobiografias escritas por mulheres reintroduz na escola sujeitos que foram sistematicamente excluídos desse ambiente demarcando, dessa forma, uma abordagem política e educacional crítica e transformadora que se vincula à exploração dos elementos de ancoragem presentes nas escritas de mulheres, fornecendo pistas sobre a subversão das estruturas colonialistas, patriarcais, racistas e excludentes que essas mulheres fizeram em seus tempos. Para humanizar, intelectualizar e trazer sensibilidade à sala de aula, é essencial ancorar-se em autoras cujas obras exploram essas dimensões, discutindo sentimentos, emoções, vida, morte, entre outros aspectos. Conforme aponta Curiel (2007) as mulheres feministas afrodescendentes, indígenas e muitas outras vem apontando pistas significativas sobre a necessidade de ampliação do nosso panorama investigativo assim como apontado estratégias para uma ciência mais integradora, contudo, esses grupos são ignorados sistematicamente pelo paradigma universalista-branco. Para sustentação e ancoragem teórica e metodológica essa pesquisa dialoga com autoras(es) que analisam, criticam e subvertem a ordem patriarcal, racista e desigual vigente: Lelia Gonzalez (2020), Beatriz Nascimento (2018), Petronilha Gonçalves da Silva (1998) e Nilma Lino Gomes (2019), e de estudiosas brancas como Heleieth Safioti, (1978), Silvia Federici (2023) e Gerda Lerner (2022), etc. Enfrentar essa estrutura exige que as pesquisas em educação estejam comprometidas com a produção epistêmica e empírica de novas teorias e práticas ancoradas na transformação de mentalidades patriarcais que projetam do esquecimento de mulheres resistentes e inspiradoras.

Palavras-chave: Ensino de História, Feminismo, Autobiografias, Educação

¹ Doutoranda em educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, beatriz.elias@edu.pucrs.br

INTRODUÇÃO

A memória é o lugar das restituições, das histórias não escritas. Assim, a investigação feminista também se constitui como uma investigação das memórias que resistiram a consciência dominante patriarcal. Dessa forma, essa pesquisa está centrada na seguinte questão: Como o exercício de memórias ancorado nas escritas femininas pode produzir uma sala de aula transformadora?

Além do problema central da pesquisa, foram elencadas algumas questões que guiarão o percorrer dessa pesquisa: Quais as potências apontadas pelas escritas de mulheres podem ser transpostas para a sala de aula? Como a ancoragem nas escritas femininas apresenta pistas para uma educação libertadora? Quais abordagens didáticas uma pedagogia feminista pode possibilitar?

O movimento de rememorar mulheres faz parte de uma produção epistemológica feminista que está ancorada na proposição de pensar na transgressão como prática de uma educação libertadora como ensina bell hooks (1994). Transgredir através da produção acadêmica situada é convocar o exercício da memória como forma de reparação dos silenciamentos. O esquecimento se constitui como um produto epistemológico do capitalismo patriarcal para destruir sujeitos femininos que incurtiram a transformação social (FEDERICI, 2017). Dora Haraway (2009) e Sandra Harding (1993) apontam para as potencialidades da epistemologia feminista dos saberes situados sinalizando que essa abordagem propicia a crítica e a argumentação na produção do conhecimento.

Para pensar em vias que reconstruam o presente e produzir estratégias epistemológicas ao esquecimento proponho um estudo investigativo sobre as memórias das mulheres como enfrentamento ao apagamento patriarcal e colonialista. Ochy Curiel (2007) aponta para a potência da produção epistemológica a partir de uma crítica poscolonial. O feminismo negro, comunitário, decolonial tem apontado para a ampliação da perspectiva teórica e política conforme aponta Curiel:

Desde que aparece el feminismo, las mujeres afrodescendientes e indígenas, entre muchas otras, han aportado significativamente la ampliación de esta perspectiva teórica y política. No obstante, han sido las más subalternizadas no sólo en las sociedades y en las ciencias sociales, sino también en el mismo feminismo, debido al carácter universalista y al sesgo racista que le ha traspasado. Son ellas (nosotras) las que no han respondido al paradigma de la modernidad universal: hombre–blanco–heterosexual; pero son también las que desde su subalternidad, desde su experiencia situada, han impulsado un nuevo discurso y una práctica política crítica y transformadora. (CURIEL. 2007, p. 94)

Uma abordagem política e educacional crítica e transformadora vincula-se à exploração dos elementos de ancoragem presentes nas escritas de mulheres, fornecendo pistas sobre a subversão das estruturas colonialistas, patriarcais, racistas e excludentes. O debate em torno da inclusão de significados, sujeitos e subjetividades na sala de aula dialoga com as atuais reflexões no campo educacional. Para humanizar, intelectualizar e trazer sensibilidade à sala de aula, é essencial ancorar-se em autoras cujas obras exploram essas dimensões, discutindo sentimentos, emoções, vida, morte, entre outros aspectos. Conforme aponta Curiel (2007) as mulheres feministas afrodescendentes, indígenas e muitas outras vem apontando pistas significativas sobre a necessidade de ampliação do nosso panorama investigativo assim como apontado estratégias para uma ciência mais integradora, contudo, esses grupos são ignorados sistematicamente pelo paradigma universalista-branco.

METODOLOGIA

Essa pesquisa tem um pressuposto investigativo que pretendo adentrar em três etapas: a primeira delas é um aprofundamento nos estudos teóricos sobre memória relacionada a perspectivas de memórias decolonizadas, racializadas e feministas com o objetivo de reunir autoras que demarcaram esses recortes em seus escritos. Nesse sentido esse primeiro momento será de pesquisa e investigação das fontes de escrita feminina. A minha dissertação de mestrado foi baseada no escrito autobiográfico de Nisia Floresta Itinerário de uma viagem à Alemanha e de Maria Firmina dos Reis Álbum. Pretendo seguir investigando os aspectos apresentados nessas escritas, mas produzindo um aprofundamento maior da fonte como estratégia pedagógica. Como primeiro movimento de investigação será proposta uma exploração da fonte, mapeando os seguintes pontos: *Quem*

escreveu? Qual a posição social dessas autoras? Por quais recortes sociais elas são perpassadas (raça/etnia, classe social etc.)? Qual é o ano e o contexto histórico de produção dessa escrita? Qual o objetivo da escrita – qual mensagem ela passa?

Além dos escritos de Nisia Floresta e Maria Firmina dos Reis vislumbro produzir um mapeamento de outras autorias latino-americanas que carreguem a memória como instrumento de produção epistêmica para incluir nesse campo das análises autobiográficas.

A segunda etapa é de empirismo e prática pedagógica através da experimentação de oficinas e encontros com grupos de educandas(os) para experimentar o exercício da memória a partir das autorias definidas na primeira etapa. Como proposta de exercício penso no experimento da escrita autobiográfica como via para aproximação das educandas com a escrita, com as autoras e suas vivências e com os processos históricos. Como produto final dessa experiência penso na produção de uma tese que entrelace o autobiográfico, a literatura, história associando a escrita das educandas com a escrita das autoras. O objetivo é produzir no entrelaçar dos textos a consciência de que os relatos individuais são produtos históricos e que a elaboração coletiva dessas escritas pode aparecer como uma estratégia de enfrentamento ao silenciamento e esquecimento patriarcal.

Essa pesquisa está inserida no campo teórico-metodológico autobiográfico com a perspectiva epistemológica feminista. Entendendo que no campo de pesquisas autobiográficas a narrativa constitui-se como matéria de investigação, teorização e análise.

Bell Hooks (2013, p.58) nos lembra a importância de uma pedagogia crítica que invista na construção de um princípio de comunidade. Segundo a autora um dos meios mais efetivos para essa construção é reconhecer o valor de cada voz individual. Esse processo de biografar-se surge como uma forma de permitir o relato e a vivência da História em primeira pessoa e reconhecer do valor das vozes individuais dentro do coletivo de maneira que os sujeitos deixam de ocupar um lugar de passividade – sofrem a história – e passam a viver e intervir nela como atores políticos. Essas ideias são carregadas de

sentido na pedagogia freiriana. No prefácio da obra *Pedagogia do Oprimido* (2006), o professor Ernani Maria Fiori sintetiza com maestria a essência dessa pedagogia que versa sobre aprender a escrever a sua vida, como autor e testemunha.

Nesse diálogo temos as preposições de Queiroz (1988) que aponta as autobiografias como sendo um estudo sociológico ou antropológico. Dessa forma, o uso das autobiografias se faz com o objetivo de perceber como se encontram e se relacionam o indivíduo-educando e seu grupo e sua sociedade.

Na terceira etapa, associado ao uso das autobiografias, utilizarei as entrevistas semiestruturadas que apresentam integralmente os depoimentos dos educandos de modo para que por meio do discurso e das associações livres seja possível ampliar as reflexões dessa pesquisa. Essas baseadas na abordagem teórica de autores como Patai (2010), Queiroz (1988), Thompson (1998)².

Ludke e André (1986) apontam para as potencialidades das entrevistas. Para os autores alguns elementos devem ser foco de atenção durante o processo: a flexibilidade para abrir espaço para apontamentos mais espontâneos por parte das entrevistadas; garantir que as entrevistadas estejam bem-informadas sobre os objetivos da pesquisa e sobre a ética de sigilo e segurança dos dados concedidos ali. Dessa forma, as entrevistas terão como ponto de partida um breve esclarecimento acerca dos objetivos da pesquisa e sua relevância para sociedade bem como lembrá-los da importância de sua participação para esse trabalho que visa conhecer o que elas pensam sobre o assunto abordado.

Como ensaio final desse processo, a partir dos depoimentos das educandas obtidos por meio das autobiografias, das entrevistas e das considerações teóricas objetivo chegar a um arsenal de dados que permitam espaço para análise e discussões conceitual e teórica sobre a relação entre

² Thompson (1999, p. 30-34) ressalta que as entrevistas têm a potência de mudar o enfoque da história e abrir novas áreas de investigação. Assim, o historiador da educação passa a se preocupar com as experiências dos alunos e estudantes. Pode também mostrar às pessoas comuns que a história não precisa ser irrelevante para suas vidas. Contudo, mais fundamental do que isso, a natureza da entrevista implica uma ruptura da fronteira entre instituição educacional e o mundo, e entre o profissional e o público comum.

escola, patriarcado, protagonismo autobiográfico, aulas de história e escrita feminina.

Para análise e categorização dos resultados estarei pautada na metodologia de Philippe Ariès (1980), que versa sobre investigações que priorizem a mudança e a diferença. Baseada na abordagem de Ariès, Michela Tuchapesk (2004) propõe uma divisão desses processos em "tendências", sendo elas: tendência de conservação - práticas e discursos que se conservam ao longo dos tempos; tendência de mudança, caracterizadas por depoimentos, ações, práticas que se modificam e tendência de movimento, aquelas que podem regredir, tornando-se uma tendência de conservação ou avançar, tornando-se uma tendência de mudança.

Dessa forma espero perceber onde estão inseridas as proposições das escritas femininas, como elas se reverberam nas educandas, e quais são os produtos de uma pedagogia feminista que propõe protagonismo de mulheres no ensino de História pode resultar para a sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

O movimento de lembrar mulheres faz parte de uma produção epistemológica feminista que está ancorada na proposição de pensar na transgressão como prática de uma educação libertadora como ensina bell hooks (1994). A ancoragem nasceu como uma categoria analítica durante meu trajeto de pesquisa no mestrado e se constitui como tradução autobiográfica do meu vivido ao encontrar autoras e da sensação reparadora de me sentir ancorada, de enxergar que no suposto vazio da história das mulheres existe um universo a ser conhecido da produção delas. Nesse sentido, essa pesquisa versa sobre criar um itinerário que interliga um trajeto investigativo iniciado no mestrado vislumbrando continuar criando novos contornos no doutorado.

Perrot (1989) transpõe esse movimento para a escrita utilizando a metáfora do 'teatro das memórias'. Nesse teatro as mulheres são sombras tênues. Pouco espaço é destinado as mulheres ao passo que a narrativa histórica privilegia a política, a guerra. Eu me pergunto – qual narrativa eu conheço das mulheres? Isso me leva ao teatro das minhas memórias familiares.

De mulheres valentes, grandes, corajosas daquelas que minha mãe contava. Esse confronto das memórias – as privadas e as oficiais me movimentam a pensar no produto disso. Silvia Federici (2023) escreve sobre a destruição sistemática produzida pelo capitalismo de sujeitos feministas que significaram força, ruptura:

[...] a figura da bruxa, que em A tempestade fica relegada a segundo plano, nesse livro situa-se no centro da cena, enquanto encarnação de um mundo de sujeitos feministas que o capitalismo precisou destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher obeah que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos a rebelião. (FEDERICI, 2023, p. 24)

A partir disso é possível perceber o esquecimento como uma ferramenta do capitalismo para manutenção da sociedade patriarcal e a sustentação dessa lógica custa a vida, integridade e identidade de inúmeras mulheres. De acordo com o Instituto Maria da Penha³, em pesquisa de 2019, a cada dois segundos, uma menina ou mulher é vítima de violência física. Esses dados tornam-se cada dia mais assombrosos. Os homicídios de mulheres entre o primeiro trimestre de 2019 e o mesmo período de 2020, tiveram um aumento variando de 19% a 100%. Esse cenário se repete em outras esferas. Além das violências físicas e dos feminicídios, a pesquisa feita em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴, evidencia o quão latente são as desigualdades de gênero. Indicadores sociais mostraram que no Brasil as mulheres ocupam apenas 37,4% dos cargos gerenciais. Ademais, nessa mesma pesquisa foi evidenciado que as mulheres receberam 77,7% ou pouco mais de $\frac{3}{4}$ do rendimento dos homens. Além desses dados existem outros atravessamentos sociais que intensificam ainda mais essas violências sofridas por mulheres como raça, etnia, classe social, identidades de gênero, orientação sexual etc.

Segundo os estudos feministas com recortes marxistas, latino-americanos, populares e negros, existe uma estrutura patriarcal que engendra e mantém as desigualdades de gênero. Estruturas essas que observo, são analisadas pelos estudos de pensadoras negras brasileiras como Lelia Gonzalez (2020), Beatriz

³ Fonte: Instituto Maria da Penha. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/>
Acesso: 15 out. 2023.

⁴ Censo Brasileiro de 2019. Rio de Janeiro: IBGE, Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-porcor-ou-raca.html>. Acesso em: 13 out. 2023.

Nascimento (2018), Petronilha Gonçalves da Silva (1998) e Nilma Lino Gomes (2019), e de estudiosas brancas como Heleieth Safioti, (1978), Silvia Federici (2023) e Gerda Lerner (2022). Enfrentar essa estrutura exige que as pesquisas em educação estejam comprometidas com a produção epistêmica e empírica de novas teorias e práticas ancoradas na transformação de mentalidades patriarcais que projetam o esquecimento de mulheres resistentes e inspiradoras.

As desigualdades de gênero enraizadas no patriarcado têm sido denunciadas desde os estudos sistemáticos do movimento feminista. Conhecer mulheres do passado é um ato reparador e estratégico: sua história inspira resistência à ordem patriarcal, oferecendo caminhos já trilhados. Esse é o movimento que nomeio “ancoragem” que reconhece a importância da memória das mulheres passadas para moldar o presente e desafiar a opressão patriarcal, demonstrando que é moldada pelo passado e, portanto, pode ser transformada.

A efetiva transformação emerge ao nos vermos como um coletivo dotado de repertório teórico e epistêmico capaz de forjar novas realidades e um futuro feminista. Partilho das palavras de bell hooks (2020, p.25): nós fazemos a história revolucionária, contando o passado. Contar, rememorar, escavar e encontra-las é dar continuidade a lutas intensas que foram travadas por mulheres antes de nós e, faz parte do movimento de construir uma consciência e uma memória feminista.

Aprender com mulheres do passado constitui-se como movimento de oposição ao domínio androcêntrico e patriarcal. Losandro Tedechi aponta para a exclusão das mulheres dos espaços de saber:

A história tem sido, desde sempre, o lugar da legitimação e do domínio. O controle e a distribuição da palavra escrita, encarregada principalmente pelos homens letrados, os escritores, os cronistas e os historiógrafos, implicou num uso e abuso do poder simbólico em narrar, relatar e significar determinadas parcelas da realidade ligadas diretamente aos triunfos, aos grandes atos heroicos, com pretensões de superioridade e feitos de grande poder. Durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista. (TEDECHI, 2016, p. 154-155)

A escrita feminina constituiu-se como ferramenta de subversão da ordem patriarcal e, o movimento de rememorar essas resistências é o de reparação histórica e de construção de um novo caminho para a história das mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa encontrou resultados bastante significativos no aprofundamento das obras das autoras Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis. O primeiro resultado observado é a percepção de que suas experiências, pensamentos e emoções oferecem um caminho para uma história mais humana e palpável, que vai além dos eventos e fatos tradicionais. A ideia central é reconhecer suas narrativas como instrumentos didáticos que conectam os(as) alunos(as) a vivências históricas mais ricas e subjetivas.

Também consolidou algumas premissas conceituais importantes para a compreensão das potencialidades de uma pedagogia feminista atrelada ao uso de autobiográficas como ferramenta para o ensino de história. Através das experiências traduzidas nos escritos das autoras, percebem-se conexões entre suas reflexões teóricas e suas vivências pessoais, oferecendo uma visão histórica mais humana. Como citado por Audre Lorde (1969), o silêncio imposto pelas diferenças deve ser quebrado, e assim se propõe uma aproximação das experiências dessas autoras, valorizando suas escritas como ferramentas de conexão entre diferentes perspectivas.

Um segundo resultado importante da pesquisa tem a ver com a proposição de uma aplicação prática das escritas de Nísia e Maria na sala de aula, com o objetivo de transformar o espaço escolar em um ambiente onde o saber e o sentir andem juntos. A leitura de autobiografias dessas autoras permite que os(as) alunos(as) compreendam a importância de assumir emoções e experiências pessoais como parte do processo histórico. Esse movimento pedagógico insere-se no conceito de "ecossentidos educativos", que une o íntimo (casa) ao sentir e pensar no ambiente escolar, permitindo a vivência de um aprendizado mais integral.

Além disso, a pesquisa encontra-se em andamento, com previsão de expansão dos resultados. A intenção é aprofundar a análise das diferenças entre as trajetórias de Nísia e Maria e explorar como suas experiências podem gerar novas práticas educativas. A partir desses resultados preliminares, futuros estudos e intervenções práticas serão elaborados, ampliando a aplicabilidade didática e investigativa do uso de escritas íntimas na educação.

Essa pesquisa teve como objetivo analisar os escritos de Nísia Floresta, "Itinerário de uma viagem à Alemanha" (1857) e Maria Firmina dos Reis, "Álbum" (1853 – 1901) como ancoragem consciente desses conhecimentos para um ensino de história emancipatório. Foi justamente na análise desses escritos que nasceu o conceito de

ancoragem e a inspiração de possibilidades de criação de materiais, oficinas e entrecruzamentos entre a história e a escrita feminina através do uso da escrita autobiográfica. Por isso, essa pesquisa versou sobre a construção epistemológica e teórica das possibilidades de ancoragem nos textos de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis no ensino de história vislumbrando a próxima etapa da pesquisa a ser desenvolvida em fase de doutoramento de forma empírica e aplicando esses conceitos e investigação nas realidades escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse artigo foi possível compartilhar alguns recortes de uma produção investigativa iniciada na dissertação e que segue tendo aprofundamentos na produção da pesquisa para a tese de doutorado. A construção epistemológica e teórica das possibilidades de ancoragem nos textos de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis no ensino de história foram base para essa pesquisa e, como passos futuros construo estratégias de aplicação empírica de tais conceitos e investigação nas realidades escolares.

Essa escrita versou sobre o esquecimento, a denúncia, a falta de representações, mas, principalmente sobre colocar no palco central das memórias as histórias que resistem ao tempo, ao esquecimento, ao patriarcado racista e misógino. A categoria fundante dessa pesquisa foi a memória e como convocá-la para compor o ensino de história. Para anunciar novos contornos sociais, políticos, epstêmicos é preciso enxergar como as brechas foram sendo ocupadas por mulheres que existiam nas fronteiras da teoria, da academia, da política. A fronteira, como aponta Gloria Anzaldúa (2004, p. 17), é o local onde todas as vozes falam simultaneamente.

Além disso, entendo como outra possibilidade desse estudo a produção de materiais didáticos voltados para o exercício da investigação histórica vinculada com os estudos da memória ampliando as possibilidades de que textos como o de Nisia Floresta e Maria Firmina dos Reis cheguem na educação básica. Visando ultrapassar o modelo linear e aplicar o conhecimento da pesquisa em sala de aula também é necessário um compromisso docente com a educação transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. **Nômadás**, n. 26, p. 92-101, 2007.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva (Coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2023.

FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma viagem à Alemanha**. ODISSEIA, Rio Grande do Norte, 8 (1): p. 20-25, jan-jun 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 18 out 2024.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Rev. Estud. Fem**, p. 07-32, 1993.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Editora Cultrix, 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. Diáspora Africana: UCPA/Editora Filhos da África, 2018.

- PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revista brasileira de história, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; SIMSON, Olga de Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988. cap. 2. p. 14-43.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; VON SIMON, Olga de Moraes. **Experimentos com histórias de vida**. Itália-Brasil/organização e introdução Olga de Moraes von simson. SP: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- REIS, Maria Firmina dos. Álbum. *In*: MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida**. São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Vozes, 1978.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. "**Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas**": Situando-nos enquanto mulheres e negras. Cadernos Cedes, v. 19, p. 7-23, 1998.
- THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 388, p. 229, 1992.
- TUCHAPESK, Michela. **O Movimento das tendências na relação escola-família matemática**. 2004. 262 f. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2004.